

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

ANO V 1987

JANEIRO-FEVEREIRO

N:1

EDITORIAL

Apesar dos prédios enormes, desumanos e frios das cidades, apesar das cercas de arame farpado isolando os latifúndios, o mundo está cheio de VIDA. E vida é, sobretudo, diálogo, e o novo que surge, é o broto que nasce da terra ferida, é a PAZ que se vai construindo pelas mãos dos camponeses e operários, pelas mãos de todos os homens de boa vontade.

Foi pensando em você, irmão, foi pensando em você, irmã, vocês que estão metidos até o pescoço na história e nas lutas do nosso povo, foi pensando em vocês que a gente está apresentando mais uma vez o Boletim da Não Violência. E a gente vem com propostas novas que a gente gostaria de discutir com vocês.

Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer ao Marcos que trouxe o Boletim até aqui. Ele agora vai para o Sul. Mas antes de partir ele passou pra gente o que era o Boletim.

Somos agora uma equipe e, conversando, sentimos falta da sua voz, companheiro de luta, da sua opinião, companheira de caminhada. Nós gostaríamos que vocês, cada vez mais, esperassem ansiosamente cada novo boletim que chega. Por isso nós estamos reformulando o Boletim.

Ele terá uma apresentação visual nova. Mas o mais importante depende de você: vamos reservar o maior número de páginas para as notícias das regionais.

É preciso que você que está engajado numa luta pela reforma agrária, pela reforma do solo urbano, num movimento operário, como militante da Não-Violência, nos escreva.

É preciso resgatar a HISTÓRIA DAS LUTAS POPULARES, documentar. Consiga uma máquina fotográfica, fotografe o movimento e nos envie as fotos (de preferência em branco e preto); escreva-nos, ou se você não se sente à vontade para escrever, grave uma fita e nos envie. Envie o material para o Coordenador da Não-Violência da sua região, e ele o fará chegar até a redação do Boletim.

É, companheiro, queremos que o Boletim seja a sua voz. Uma voz sozinha, perdida no meio da praça, não é ouvida. Mas se as pessoas vão chegando, centenas, milhares de pessoas, gritando em coro, então o clamor do povo é ouvido e, pouco a pouco, vai surtindo efeitos.

Neste ano da Constituinte a gente não pode calar a boca, não; a gente não pode recuar nem ler mão, não.

Vamos nos dar as mãos e gritar juntos
PELA VIDA E PELA PAZ!



GREVE NA ANTÁRTICA

p. 4

AÇÃO DE NATAL

pp. 6 e 7



DO LEITOR

(Devido ao espaço, a equipe toma a liberdade de reduzir algumas cartas; pedimos a compreensão do leitor)

HOLANDA

Prezados amigos,

Algumas pessoas na Holanda começaram uma ação para pedir às embaixadas de todas as potências nucleares (E.E.U.U., França, URSS, etc...) para que parem com estes testes.

Estamos familiarizados com os resultados através dos testes nucleares no Pacífico e suas consequências sobre a população das ilhas. A ação é feita da seguinte maneira:

Cada um de nós manda cartões pessoais ou cartas às embaixadas mencionadas e pede aos amigos que façam o mesmo, passando a mensagem para os amigos.

Seria impressionante se todos os povos do mundo se juntassem a nós e unidos pudessemos parar com os testes.

Por favor, comecem uma ação similar em seu país. Pode ser?

Eu escrevi para todas as agências do IFOR espalhadas pelo mundo.

Desejo-lhes um 1987 pacífico, livre das experiências nucleares.

Cordialmente

Senhora W. François
(Women For Peace)

EXPEDIENTE

JUSTIÇA E NÃO-VIOLENCIA

Publicação bimestral do Serviço Nacional de Justiça e Não Violência.

Sede: Av. Ipiranga, 1267/19

01039 - São Paulo - SP

Fone: (011) 229-7448

Colaboraram neste número:

Salvador Pires, Maria Eliane Cardoso, Maria Elvira Rocha, Equipe de Animação da Ação de Natal, Márcio Fortes de Barros, Rosalvo Salguero, Marilene de Brito Brasil, Domingos Barbé, Giselle Monique, Verônica Lind.

Datilografia e diagramação: Alfredo S.V. Coelho

Um agradecimento especial ao antigo redator do Boletim, Marcos A. Gonçalves

CIRCULAÇÃO INTERNA

AÇÃO DE NATAL

Fortaleza, 19 de janeiro de 1987.

Viva a vida!

Oi, turma querida do Serviço de Justiça e Não Violência ativa!

Mesmo sabendo que "Herodes é cruel como jamais", me atrevo a desafiá-lo dizendo que nosso Deus é o Deus da Vida!

Pois bem, aqui não tivemos a Ação de Natal como deixei planejada. Cada pessoa teve um problema, e ao chegar, tentamos encontrar um jeito, e assim foram feitos cartazes e este cartãozinho, e fizemos uma caminhada da Pr. do Coração de Jesus até o centro - com faixas, cartazes, megafone, etc.. Foi muito bom. Paramos na s portas das lojas e falamos. O pessoal escutou, conversou, recebeu o material e quis dar esmolas.

Dia 24 a equipe Pro-Menor fez presença o dia todo na Rodoviária, e nós estivemos juntos, falando, apoiando, dando a palavra aos meninos. Eles expuseram alguns desenhos feitos por eles mesmos. Mesmo a Administração aceitou; estávamos lá conversando. O camburão também estava lá; nós lhes demos os cartões e conversamos com o sargento.

Mesmo sabendo das dificuldades, o tempo de dor e sofrimento, lutemos e ressuscitemos. Que a esperança nos anime sempre a prosseguir mais, sem medo e com a força do Deus Vivo.

Rita.

CONSTITUINTE
E OS DIREITOS HUMANOS

Bemposta, 10.02.87

Companheiros e concidadãos,

Não podemos nos destruir dentro de nossa fronteira, dentro de nosso país. Somos agora, nossos ancestrais da cultura, a civilização que um dia se identificou no espaço e que se encontra enraizada dentro de cada um de nós. Quem nega os Astecas, os Maias e os Tolte-

cas, quem nega os Incas, quem nega os concheiros, os Tupys e Guarany's?

Vejo que somos chamados não somente ao NACIONALISMO LATINO-AMERICANO em larga escala, mas a uma consciência arrebatadora e exercitiva dos Direitos Humanos dentro do nosso continente em defesa do homem latino-americano ameaçado econômica, política, religiosa e socialmente.

Urge a cada Latino-americano o DISCERNIMENTO INCONTES-TÁVEL entre DIREITOS HUMANOS e DIREITOS ALIENÍGENOS:

DIREITOS HUMANOS: o respeito, a justa igualdade econômica, política e social a qual quer forma de vida desse planeta - a inviolabilidade, a intocabilidade e a indivisibilidade do SLR.

DIREITOS ALIENÍGENOS: o desrespeito, a desigualdade à vida, o consumismo material e espiritual descontrolado até que do último homem seja tirada a sua própria vida.

E somos chamados, nessa Constituinte, iniciada em 01.02.87 a aprovar o que é humano e a desaprovar o alienígena, e é lamentável que o discurso de abertura da Constituinte, elaborado pelo Ilmo. Pres. do STF Moreira Alves, seja "alienígena", principalmente quando, no sexto destaque, declara encerrado o ciclo revolucionário nesse país, depois de haver falado de todos os países, menos do Brasil. Não é hora de nos calarmos, não é hora de mandarmos ninguém calar a boca; queremos, sim, saber quem é humano e quem é alienígena, quem se compromete com a vida nesse nosso Brasil, com a vida do homem latino-americano, com a vida desse planeta e quem a quer destruir, sabido que a verdade tem que ser compatível com os fatos e com a realidade em que vivemos.

Somos chamados a sermos humanos, a exercer os direitos humanos; em outras palavras, somos chamados à comunhão dos bens latino-americanos - materiais, culturais e espirituais - para que o socialismo realmente aconteça entre nós.

Constituintes, IDEAL, PACIÊNCIA e TENACIDADE!

Ronaldo Pia de Almeida

POSIÇÕES

CONSTITUINTE

A FRENTE NACIONAL DOS TRABALHADORES, diante do momento histórico por que passa o nosso país, principalmente às vésperas da instalação do CONGRESSO NACIONAL CONSTITUINTE, constata:

1º) As conquistas que tivemos no decurso da chamada *transição para a democracia* são consequências naturais da luta do povo.

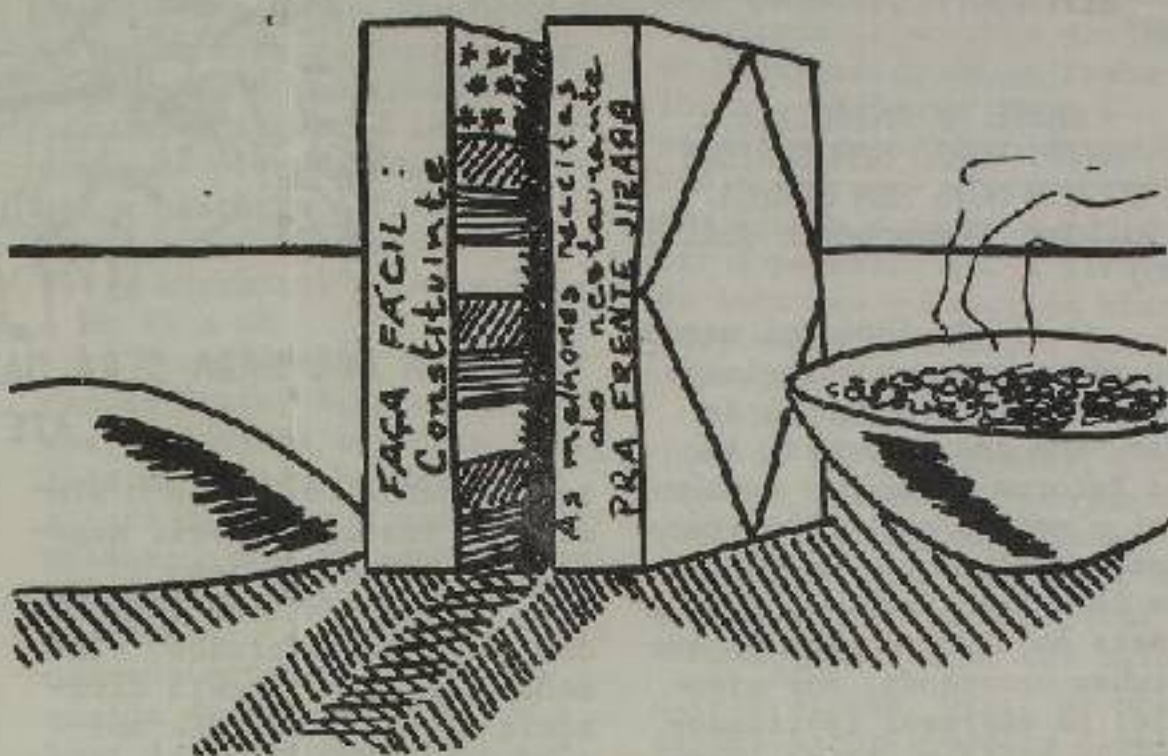
2º) Esse processo de transição vem sendo administrado pela classe dominante, sem a participação direta do povo, a partir da *ótica da transição lenta e gradual*, que teve início em 1974 com o governo Geisel.

3º) A administração desse processo pela classe dominante e seu governo pautou-se pela cooptação das principais bandeiras de luta do povo brasileiro, em especial da classe trabalhadora, para em seguida serem jogadas de cima para baixo, alternadas ou conjuntamente com os frequentes atos de exceção ditatoriais, alguns deles ainda presentes na NOVA REPÚBLICA. Exemplos:

- a) fechamento do Congresso e Pacote de Abril de 1977
- b) as salvaguardas constitucionais de 1978
- c) a anistia restrita e a correção semestral dos salários em 1979
- d) a reestruturação partidária em 1980
- e) as DIRETAS-JÁ, que tiveram como desdobramento a eleição de Tancredo e Sarney pelo Colégio indireto, em 1984.

Esses são alguns dos principais exemplos, entre tantos de conhecimento das forças democráticas deste País e de parte da opinião pública.

4º) A ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA foi e continua sendo a proposta básica e fundamental das forças políticas pro-



gressistas e, em tese, do povo brasileiro. Mais uma vez, não é o povo que decide o, sim, a interferência direta dos grandes interesses econômicos nacionais e multinacionais.

5º) O que vamos ter é um Congresso Constituinte e não uma ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA.

PRECISAMOS, agora mais do que nunca, continuar lutando pela conquista das reivindicações que atendam aos interesses da classe trabalhadora.

PROPOMOS que a Mesa Diretora da ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE CONGRESSUAL remeta a todas as entidades representativas da sociedade civil material contendo as questões em debate nessa Assembléia, indicando as datas e horários em que elas estarão sendo submetidas ao debate parlamentar.

Entendemos que a nossa proposta, uma vez atendida, estaria oferecendo um importante instrumento de trabalho que reforçará a proposta básica dos Plenários Estaduais Pró-Participação Popular na Constituinte (o Plenário propõe uma série de artigos regulamentando o modo pelo qual um mínimo de 30 mil cidadãos, ou de duas entidades com mais de 30 mil associados, poderão apresentar diretamente ao Plenário do Congresso, projeto

sobre matérias constitucionais).

Mesmo que precariamente, para a FRENTE NACIONAL DOS TRABALHADORES, essa proposta é um instrumento que poderá permitir, ao menos, um acompanhamento crítico dos debates das principais questões constituintes e com as mínimas condições de possibilitar a mobilização do povo em momentos estratégicos de nosso interesse.

A FRENTE NACIONAL DOS TRABALHADORES, enquanto parte do movimento dos trabalhadores, estará participando dos debates constituintes prioritariamente nas suas questões mais fundamentais, defendendo as bandeiras de interesse da classe trabalhadora brasileira, junto com as demais forças progressistas do País. Com elas estaremos mobilizando o povo nos momentos convenientes.

PROPOMOS, também, que essa proposta, uma vez aprovada pela Plenária Constituinte de São Paulo, seja por ela encaminhada de imediato às instâncias competentes ligadas à Mesa Diretora da ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE CONGRESSUAL.

São Paulo, 31/01/87

Salvador Pires
(Secretário Geral da FNT)

**SEM LUTA NÃO HÁ CONQUISTA !
SEM PARTICIPAÇÃO NÃO HÁ LUTA!**

GREVE NA ANTÁRTICA
"ANTES VERAO SEM BEBIDAS
DO QUE NÓIS SEM COMIDA."
(Lulinha, companheiro demiti-
do)

O ano de 1986 foi marca-
do por grandes acontecimen-
tos: Ano Internacional da
Paz, Ano das Eleições, Ano
da Reforma Agrária e também
foi o ano em que o Sindicato
dos Trabalhadores de bebidas
de São Paulo resolveu dar um
basta às arbitrariedades que
vinham ocorrendo, por exem-
plo: as empresas fabricado-
ras de bebidas tendo lucros
astronômicos em cima do suor
de milhares de trabalhadores
e às custas dos baixíssimos
salários que pagam aos empre-
gados.

Os trabalhadores se or-
ganizaram e formaram a Chapa
de Oposição do Sindicato de
Bebidas - Chapa 1, porque sa-
íram na frente e chegaram na
frente. Depois de 23 anos em
que a diretoria do Sindicato
era atrelada aos patrões,
surge uma diretoria nova e
combativa.

"Um por todos e todos
por um".

Já em outubro a nova di-
retoria mostrou quem era, se
unindo aos trabalhadores num
ma greve que durou 4 dias e
só terminou quando os patrões
se comprometeram em continuar
as negociações.

Em dezembro, na Cia. An-
tártica, conseguiu-se 10% de
aumento para os profissionais
de manutenção e as negocia-
ções continuaram para que hou-
vesse aumento para todos os
trabalhadores. Para fazer par-
te dessas negociações foi for-
mada uma Comissão de Negocia-
ção com 3 trabalhadores da
Antártica. Ficou marcada uma
reunião de negociação para o
dia 09 de janeiro de 87.

Do dia 02 ao dia 09 de
janeiro, 4 dos companheiros
da Comissão foram demitidos,
mas a demissão como forma de
pressão por parte dos patrões
não impediu que no dia 09 es-



**A NÓS NADA SERÁ DADO, TUDO SERÁ CONQUISTADO!
ATÉ A VITÓRIA!**

ses companheiros, mais o sin-
dicato, tentassem abrir nego-
ciação com os patrões.

Os companheiros demiti-
dos foram considerados "ele-
mentos estranhos" pela dire-
toria da Antártica que mos-
trou-se intransigente e cha-
mou a segurança para expul-
sar a Comissão da Empresa.
Com essa atitude tomada pela
classe patronal, o sindicato
recusou-se a continuar a ne-
gociação.

Dia 12 de janeiro esta-
va marcada uma assembleia pa-
ra as 17h00 com todos os tra-
balhadores da Antártica, mas
na manhã deste mesmo dia a di-
retoria do Sindicato foi sur-
preendida pela greve que para-
lisou os 3.800 trabalhadores:
paralisação total.

Por que pararam?

1. Pela readmissão dos compa-
nheiros da Comissão.
2. Aumento-já de 20% para to-
cos.
3. Comissão de Fábrica.

Foi a primeira vez na
história da Cia. Antártica
que a Casa de Máquinas foi pa-
ralizada. A proposta dos pa-
trões era de que só reabririam
negociações caso uma das má-
quinas voltasse a funcionar.
Os trabalhadores não aceita-
ram e no dia 13 a greve foi
julgada, mas por não haver
provas a favor ou contra o
julgamento foi adiado para o
dia 15.

Enquanto isso os patrões
não perderam tempo; com um
prejuízo de milhões, ainda
gastaram 1,4 milhões para pu-
blicar um comunicado enganoso
nos jornais de São Paulo, jo-
gando a população contra os
grevistas, acusando-os de usa-
rem de violência, que uma mi-

norria impedia a maioria que
desejava trabalhar, porém is-
so podia facilmente ser des-
mentido nas assembleias reali-
zadas onde por unanimidade os
trabalhadores decidiam conti-
nuar de braços cruzados, ape-
sar da pressão da polícia pa-
ra intimidá-los.

No dia 17 a greve foi jul-
gada ilegal e os trabalhadores
decidiram prosseguir a paralí-
zação. No quinto dia de greve
pacífica, depois de várias
tentativas de negociação por
parte do sindicato, os patrões
fizeram uma proposta: negocia-
vam durante uma hora se os tra-
balhadores colocassem a Casa
de Máquinas para funcionar du-
rante uma hora.

Os trabalhadores aceita-
ram a proposta e durante uma
hora foram abertas as negocia-
ções que deram os seguintes re-
sultados:

1. 20% de aumento para quem
ganha até 3 salários-mínimos
2. 15% de aumento para quem
ganha de 3,1 até 6 salários-
mínimos.
3. 10% de aumento para quem
ganha de 6,1 salários mínimos
em diante
4. nenhum tipo de pressão so-
bre os grevistas
5. as negociações continuam
abertas.

Feita a assembleia, os
trabalhadores aceitaram a pro-
posta e voltaram ao trabalho,
mas a luta continua. Depois
desse chacalho que os patrões
levaram, vão ter que aprender
que COM TRABALHADOR NÃO SE
BRINCA.

(Marta Eliane Cardoso)

SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO

UM SEMINÁRIO E VÁRIOS DESAFIOS

Com o objetivo de dar continuidade ao processo de educação popular que vem se desenvolvendo na caminhada da Firmeza Permanente, realizamos em São Paulo, no Capão Redondo, um Seminário de Formação, nos dias 4 a 7 de dezembro de 86.

No primeiro dia pela manhã a ênfase recaiu sobre entrosamento corpo humano, com exercícios de sociodrama que permitiam mostrar a forma de interação das pessoas, bloqueios, inibições. Buscamos como dar uma resposta nova nas nossas ações. Tivemos a colaboração de Mariza Nogueira Greibus.

Após a realização do sociodrama, a pastora Barbara de Souza chama a atenção do grupo para a necessidade de voltarmos um pouco mais sobre nós mesmos, nos enriquecendo com importantes noções sobre o funcionamento do corpo humano a partir da fecundação. Analisamos que neste campo ainda refletimos uma situação de opressão política e religiosa.

O grupo deu uma contribuição através de exemplos vividos dentro de sua realidade sobre a opressão da mulher. Barbara concluiu que esta formação de opressão deve ser uma luta feita juntos, mulher e homem, um sendo companheiro do outro.

À noite o pastor Rubem Alves falou sobre a vida e a mística do apóstolo da Não-Violência, Mahatma Gandhi.

Quando lemos a biografia de Gandhi vemos que em sua vida há coisas muito esquisitas. Um homem que fez a Índia inteira parar. Quando parecia estar falando em assuntos tão bobos, fazendo ações tão tolas, ele estava mexendo em fatos profundamente políticos.

À noite um filme sobre Gandhi apresentou na prática os princípios básicos dessa filosofia que buscamos vivenciar.

No segundo dia, após retrospecto do dia anterior, o Frei José Alamiro apresentou um histórico da Não-Violência. Pediu a contribuição das pessoas presentes, lembrando nomes de personalidades, e que a história é feita por nomes e acontecimentos que foram marcantes de 64 a 74, e de 74 a 86.

À tarde, com a colaboração do Pastor Ricardo Wanguem nós refletimos a vida e a mística de Martin Luther King: a luta dos negros nos Estados Unidos; o grande sonho - integração e justiça para todas as classes - e a sua vivência não-violenta em comunidade, quando dizia que o amor é a base da comunidade, que somente através do amor ao próximo se poderia elevar a própria alma e transformar criativamente a sociedade.

O terceiro dia foi dedicado às experiências significativas. Com a ajuda do P. Domingos Barbé, manifestando a necessidade de se formar militantes que desenvolvam uma combatividade não-violenta na vida pessoal e grupal, vimos algumas idéias básicas da Não-Violência Ativa em vários aspectos, várias abordagens: política, psicológica, e religiosa.

À tarde, Frei Gorgulho ajudou o grupo a refletir sobre o Projeto de Deus. In-

iciou a reflexão com alguns questionamentos: o que devemos discutir sobre o projeto de Deus dentro de um trabalho não-violento? Quem é o portador do projeto de Deus? Ele não trouxe as respostas, mas ajudou o grupo a refletir e perceber que a partir da luta dos pobres, da história, vamos perceber o que é o projeto de Deus.

No quarto dia, com a ajuda do Sérgio (IBASE), fizemos uma análise de conjuntura dos últimos meses e um treinamento de como fazer análise de conjuntura: qual o cenário? Descrição dos principais atores. Quais os principais acontecimentos e objetivos?

Em seguida o Mário Carvalho de Jesus junto com trabalhadora da fábrica Perus, no momento em greve, colocou as experiências vividas, e constatamos toda a opressão que impede o avanço da classe trabalhadora.

Nos vários momentos, tia Rita ajudou o grupo a aprofundar a mística não-violenta, relacionando-a com os temas refletidos.

Em todos os dias houve celebrações ecumênicas, aprofundando os compromissos com a JUSTIÇA e a VERDADE.

(Elvira)



ACÇÃO DE NATAL

ACOLHENDO O MENOR

"O MEDO É A FÉ DE PONTA-CABEÇA" (G., garoto que vive na rua.)

Jovens, adultos, crianças, pastores, sofrendores de rua, padres, bispos, garotos trabalhadores, meninas das favelas, negros, mulheres, catequistas, operários, educadores... TODOS NOS UNIMOS PARA PROCLAMAR QUE A VIDA DE CADA MENOR É SAGRADA, PARA ANUNCIAR QUE TODA A CRIANÇA TEM VALOR, NA FAVELA, NO CORTEJO, NA RUA, EM TODO LUGAR.

Foram cinco dias de convivência mais intensa com a garotada de rua, no centro da cidade, e com meninas e meninas das comunidades da periferia.

Aqui vai uma amostra do que foi a riqueza destes momentos e um lançamento a quem É GENTE, antes de ser professor, cientista, pai, médico, prefeito, doutor, executivo, contador, segurança ou advogado.

Aqui está uma pequena coleta daquilo que pensam, desejam e sofrem as crianças que estão nas ruas da cidade de São Paulo. São meninas e meninos que fazem parte das 600.000 crianças que percorrem na luta pela sobrevivência as praças, os faróis, as avenidas, a cidade toda.

Somos testemunhas da vida que aconteceu nestes dias (19 a 23 de dezembro de 1986). Para alguns, foi momento de NASCIMENTO-NATAL. Para outros foi um RENASCIMENTO-PÁSCOA. O fato é que estavam pessoas da Igreja Católica, da Comunidade Judaica, da Igreja Presbiteriana Independente, da Igreja Metodista, do Movimento de Educadoras de Rua, da Pastoral do Menor, do Serviço Nacional de Justiça e Não-Violência. Todos nós somos testemunhas da vida nova que vai acontecendo entre os pobres.

Quem passou na praça, foi vendo a gente cantar, rezar e discutir, valorizando as meninas e meninos de rua, os meninos sem terra, as crianças sem pão, sem família, sem comunidade, sem trabalho, sem direito, sem carinho, sem afeto.

Houve pessoas que ficaram escandalizadas ao passar, pois achavam absurdo as crianças falarem ao microfone em praça pública. Isto nos faz lembrar de Jesus que escandalizava os judeus "bem comportados", porque andava com aqueles que eram considerados pecadores, cuidava dos cegos e leprosos, daqueles a quem ninguém mais dava valor.

Houve gente que ficou escandalizada porque a palavra de Deus foi lida no meio dos sofrendores, dos desprezados, e eles próprios explicaram também a Bíblia.

Aqui, nós nos lembramos de umas palavras de Jesus: "Felizes aqueles que não se escandalizarem". E tem mais: partilhámos juntos o pão da fome, e o pão da eucaristia, a alegria da vida, e o sofrimento das ameaças, um pedaço de cobertor e o papelão para a noite, e o calor humano da acolhida amiga.

Aprendemos a OBRAGEM DE PROFIETIZAR, já que O MEDO É A FÉ DE PONTA-CABEÇA, como disse um garoto.

Quem ensinou e quem aprendeu? Ninguém sabe...

Você sabe, Arquimedes? E você, Barbé?

E vocês, Elvira, Tilô, João de Deus, Teresa, Jonas, Gimba, Pedro, Alexandre, Isaías, Maria, Cristiano, Elias, Marlina, Lourdes, Maria, Zilda, Cristiane, Sidnei, Indio, Roberto, Claudete, Graça, Ivete, Marcelo, Salvador Pires, Chocolate, Cecília Luis, Sérgio, Valcineu, Boré, Maitê, Elizabete, João Drexel, Cícera, Ricardo, Salvador, Rute, Zeni, Mario Carvalho de Jesus, Sirlene, Cláudia, Solange, Rinaldo, Rodolfo, Maria, Rosângela, Maria de Jesus?...

HÁ CRIANÇAS PROFETAS?

HÁ PROFETAS NAS RUAS?

"Suas lágrimas eram como denúncia de um sofrimento que não deveria existir. O brilho dos seus olhos, misturado com o calor humano, transmitia esperança de que um dia, se a gente quiser, todo este sofrimento pode acabar" (Jonas).



TREINAMENTO DE NÃO-VIOLÊNCIA - II



4 - O APELO À OPINIÃO PÚBLICA

Quando a negociação fracassa precisa passar por uma outra etapa da luta não-violenta: a conquista da opinião pública. A não-violência renuncia às armas da classe dominante, mas a sua força é justamente a massa da população que freqüentemente não pode usar de armas mortíferas, mas gostaria de participar do conflito de uma outra maneira. Trata-se então de comovê-la e convencê-la.

Por outro lado é o apoio popular explícito ou, na maioria das vezes, a cumplicidade passiva da opinião pública que permite ao sistema injusto de se manter. Mudando a opinião pública, mudarão também os dados do conflito. Uma das tentativas essenciais da Não Violência é sensibilizar a opinião pública para que, ainda que seja por um tempo curto num campo limitado, essa deixe de apoiar passivamente o Estado e assim exercer uma pressão sobre o mesmo.

Podemos esquematizar da seguinte maneira:

Esquema (I) da luta Não-Violenta, (II) da luta Violenta, (III) da reação do Estado, em caso de luta violenta.



I - ESQUEMA NÃO-VIOLENTO

- * Nunca agir diretamente sobre o Estado.
- * Conquistar o apoio da opinião pública (seguir as flechas)



VIOLÊNCIA INSURRECIONAL

VIOLÊNCIA do Estado
contra os revolucio-
nários

O Estado tenta convencer a
OPINIÃO PÚBLICA
do caráter mau
dos revolucionários

II - ESQUEMA VIOLENTO

- * A violência insurrecional ataca o Estado.
- * Não envolve a Opinião Pública numa guerra direta (guerra de especialistas)

III - REAÇÃO VIOLENTO DO ESTADO

- * A opinião pública, a princípio, se assusta com uma luta ilegal.
- * O Estado reforça este susto, usando dos Meios de Comunicação para convencer a opinião pública do perigo representado pelos violentos. Isolá-los.
- * Depois ataca diretamente, com armas, os revolucionários.

a) Os meios para a Não-Violência chamar a atenção da Opinião Pública

- * PASSEATA (silenciosa ou com palavras de ordem)
- * MARCHA de um lugar a outro lugar distante; estes lugares precisam ser simbólicos. Marcha pode ser a pé ou com veículos simbólicos que chamam a atenção: carros alegóricos, bicicleta, motocicleta, tratores, carroças, etc.
- * TEATROS-PANFLETOS: acompanhar a distribuição de panfletos com "teatro de rua", isto é, encenação muito breve ilustrando o conteúdo do panfleto.
- * SIT-IN: sentar-se no chão em lugares de passagem relacionados com a injustiça.
- * PRESENÇA SILENCIOSA diante do lugar da opressão. Ex.: o "passeio" silencioso das Loucas da Praça de Maio diante da Casa Rosada em Buenos Aires, com as fotografias de seus desaparecidos.
- * O JEJUM PÚBLICO
- * etc...

b) Os meios para informar a Opinião Pública

- * Dossiê bem feito sobre o caso enviado a pessoas influentes ou respeitadas (jornalistas, homens políticos, líderes religiosos, etc...)
- * Comunicação clara à população
- * Panfletos
- * Entrevista coletiva com a imprensa
- * Reunião de informação nos bairros e em portas de fábricas
- * etc...

A cada instante a palavra que usamos para convencer a Opinião Pública deve ser OBJETIVA, CLARA, CONTROLADA para não humilhar o adversário... enfim, NÃO-VIOLENÇA.

NÃO VIOLÊNCIA

Quando a Opinião Pública está bem consciente (isto pode levar semanas), quando todos os recursos para a negociação são esgotados, então se pode dar mais um passo para desenvolver a campanha de luta Não-Violenta: fixar um prazo para o adversário reconsiderar sua posição e reatar as negociações, prazo além do qual os responsáveis da campanha lançarão a ação direta. Isto se chama ULTIMATO. O ultimato relembra, mais uma vez, a injustiça cometida, os objetivos da luta, as tentativas de negociação e a disposição para negociar novamente. Depois anunciar o prazo.

6 - A AÇÃO DIRETA

Se trata agora de uma verdadeira prova de força. Três condições preliminares.

Condições preliminares

- a) Ter uma chance razoável de vitória dentro do objetivo alcançável que foi determinado (ver parágrafo nº 2 do Encarte nº 6, ano de 1986), para que muita gente participe da ação.
- b) Antes do início da prova de força, anunciar claramente que a ação se desenvolverá dentro da opção não-violenta. Se houver um desvio que leva à violência, haverá um recuo e uma reorganização de luta; um treinamento mais aprofundado dos organizadores e da massa para saber se mante na luta Não-Violenta será necessário.

Caso haja grupos que não fazem da Não-Violência uma opção de vida e uma estratégia global, e que querem colaborar com a ação prevista, é possível aceitá-los, desde que eles concordem neste caso específico em não sair da regra do jogo Não-Violento. A colaboração de outros grupos é importante pois eles também buscam a justiça e a justiça é nossa meta. No entanto, uma estratégia não-violenta tem a sua coerência própria e não consegue ser eficaz se, no decorrer da ação, outros grupos introduzem outros métodos. Por exemplo, os mecanismos psicológicos da luta violenta são específicos: os da não-violenta são diferentes. Os métodos violentos provocam respeito e medo; os métodos não-violentos despertam respeito e compaixão. São sentimentos diferentes que vão animar a multidão e conquistar a adesão de seguidores que vão dar à luta rumos diferentes.

Observa-se que frequentemente, no início, a luta popular é SEM-VIOLENCIA. Isto não quer dizer NÃO-VIOLENTA. (M.C.Jesus)

É sem violência, pois a violência seria suicídio. Porém quando a luta se radicaliza, se intensifica e se globaliza, precisará inevitavelmente escolher entre os métodos violentos e os métodos não-violentos.

Cada um vai levar à estratégias diferentes.

- c) Uma terceira condição preliminar é que haja uma boa coordenação e organização da ação, o "comando" da luta, como o comando de greve, é fundamental. Apesar de que a participação da massa seja fundamental, é melhor ter um número limitado de participantes que estarão de acordo sobre os métodos do que um número grande de pessoas incontroláveis.

Preparação à ação direta

- a) Intensificar a sua vivência pessoal de Não-Violência (oração, meditação, confissão, reconciliação)

- b) Testar as suas emoções através de um treinamento especializado (sociodrama, etc...)
- c) Mostrar cuidadosamente as várias partes da ação direta para que seja NÃO-VIOLENTA (papel fundamental do "COMANDO" neste aspecto)

Vários exemplos de ação direta:

a) Não-cooperação com o sistema

- * greve - não cooperação dos trabalhadores. Deixar de trabalhar.
- * boicote - organizar a não-cooperação dos consumidores. Deixar de comprar essa ou aquela mercadoria, ou em determinadas lojas.
- * operação cidade-parada - pedir à população ficar em casa durante um dia. Não trabalhar, não circular, nem de carro, nem a pé... Foi o que o SERPAJ-URUGUAI conseguiu fazer, em boa parte, em Montevideo durante um jejum famoso que relançou a luta popular no país.

b) Intervenção direta

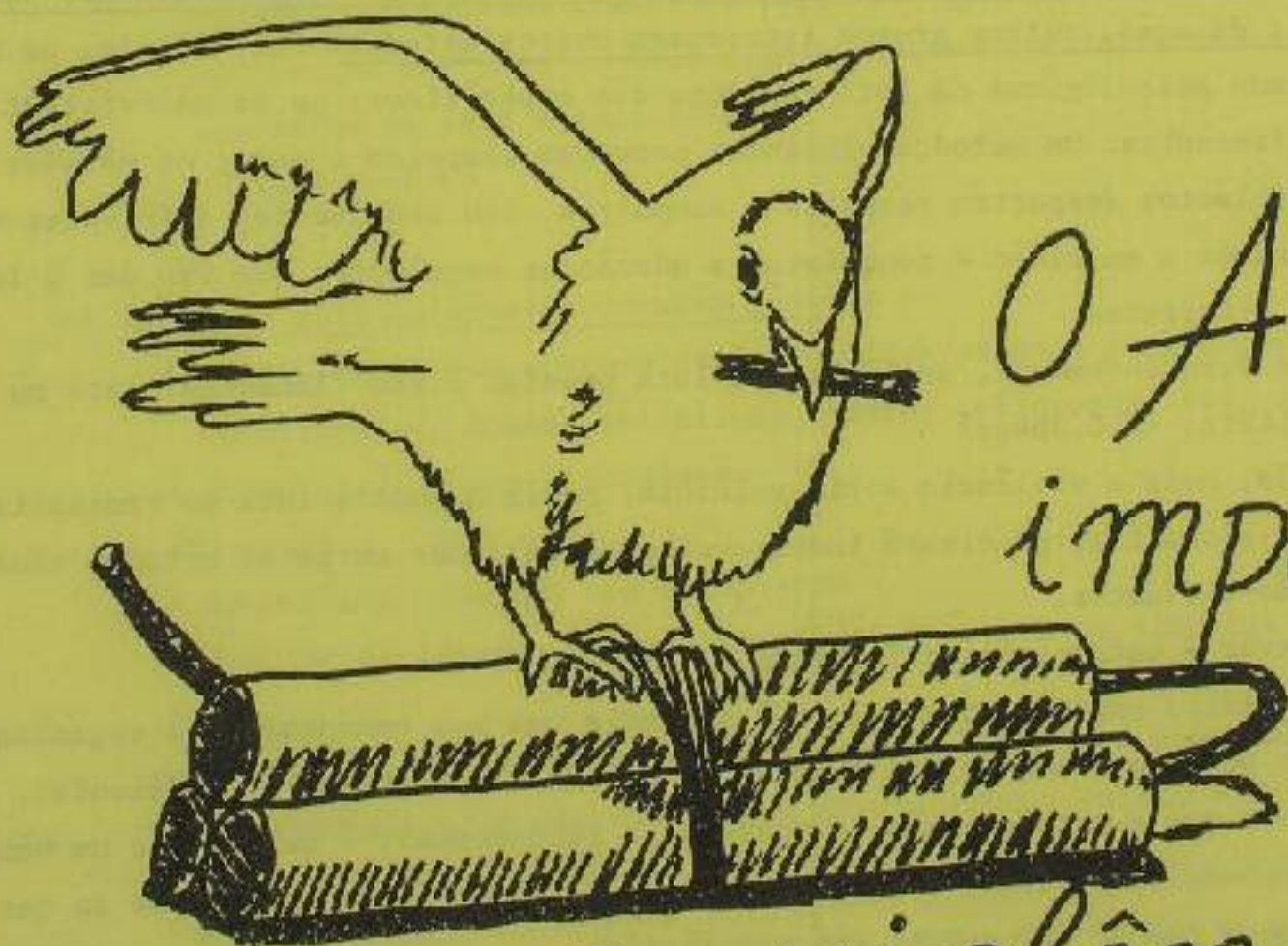
- * ocupação de lugares
- * obstrução - fechar uma via pública, uma entrada, etc... Aí já se começa a entrar na ilegalidade.

c) A desobediência civil

- * que consiste em paralisar todo o país entrando maciçamente na ilegalidade; arma suprema da Não-Violência.

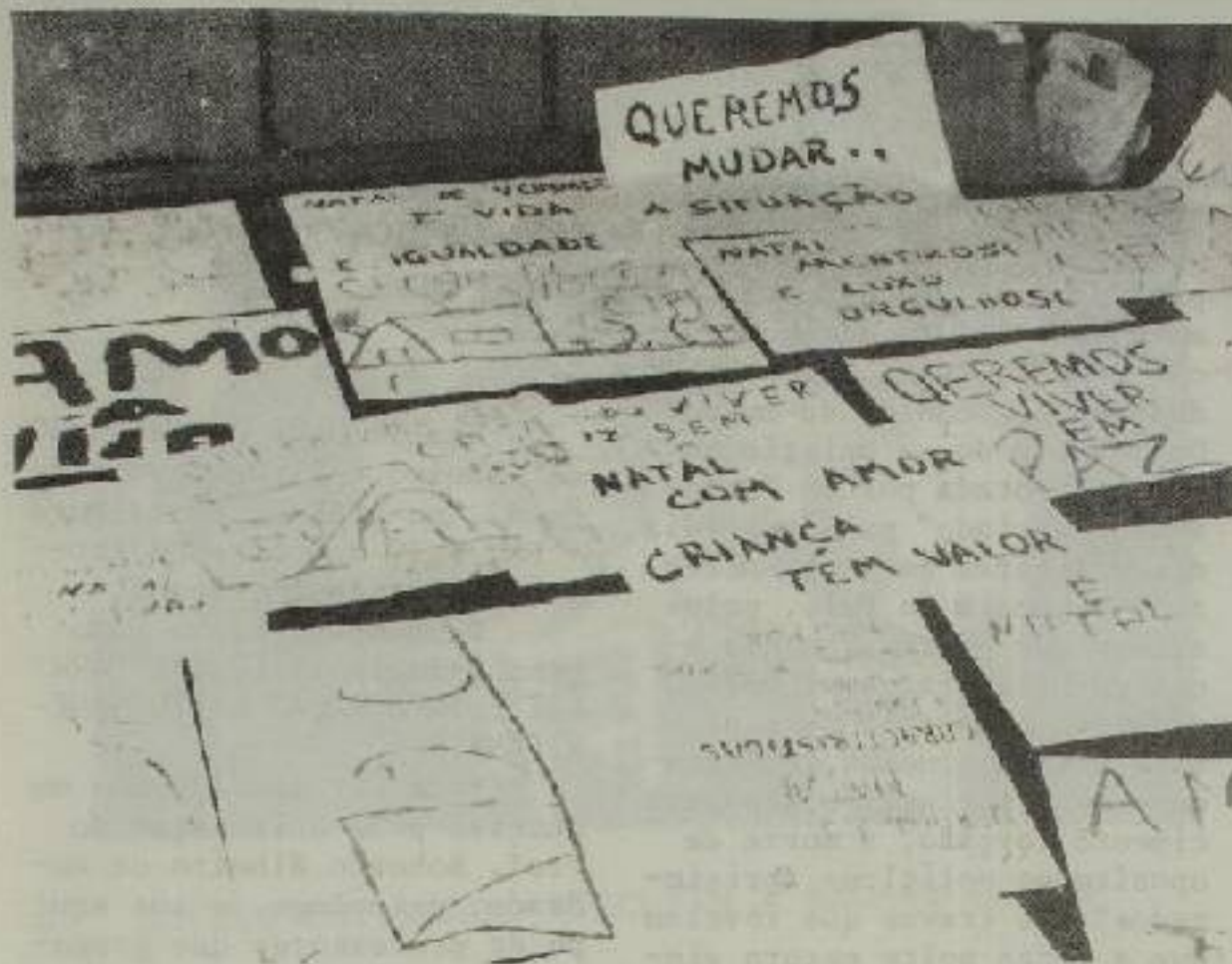
7 - O PROGRAMA CONSTRUTIVO

Sempre prever uma solução construtiva à injustiça denunciada. Por isso devemos trabalhar com peritos capazes de elaborar soluções tecnicamente viáveis. Não apenas denunciar, mas ANUNCIAR E CONSTRUIR. Só denunciar e criticar é uma solução de facilidade.



O Amor
impede

a violência



Com eles invadimos a praça, as ruas do centro da cidade, a estação do metrô, cantando e gritando bem alto um recado que os rádios, TV e jornais não tiveram coragem de repetir:

TODA CRIANÇA NESTE MUNDO
TEM VALOR!

QUEREMOS VIVER!
PODEMOS?

NAS CRIANÇAS QUE SÃO MORTAS,
É O POVO QUE MORRE SEM SABER.

(equipe de animação da AÇÃO
DE NATAL: Salvador, Barbô,
Roberto, Elvira, Claudete,
Mairê, Alec)

"Um dia eu estava sentada a pensar por que nós menores e deficientes sofremos tanto.

Porque eu, por exemplo, sou deficiente e não tenho amor de ninguém, não tenho amor de pai nem de mãe. Nunca eu encontrei alguém que me entendesse, que me desse um pouco de carinho.

Sabe que eu sei que muita criança de rua pensa assim também, que gostaria de ter alguém que lhe dissesse uma palavra de carinho e amor?"

(Tereza/Praça da Sé/22.12.86)

"Quando encontramos um anjo, todos os problemas caem por terra, como as folhas amareladas no outono.

O amor leva aos céus, sim, mas nem sempre todos os anjos têm AMOR.

E se o mundo continuar assim, nada se melhorará."

(Cristiane/Praça da Sé/21.12.86)

"Vejam como eles se amam!
A liberdade que eles têm
é a liberdade que eles não têm.
O seu amor é um AMOR DE
RUA, longe, muito longe do 'a-
mor' que a nossa sociedade nos
convêda a viver.

A informalidade do seu a-
mor coincide com a informalidade
da rua.

Ninguém é capaz de deter
os seus impulsos de vida; se
bem que a morte não se cansa
de perseguir-los. Essa morte
valuada que brota de uma so-
ciedade sangüinária que neces-
sita da morte para viver - no
entanto, ELES ESTÃO CHEIOS DE
VIDA.

E eu acho que acabo de
descobrir assim: ELES ESTÃO
CHEIOS DE VIDA! ELES TÊM MUITO
AMOR PARA VOS CRESCER!"

(Jonas - seminarista da Com-
pênas que veio conversar com
as crianças de rua durante a
Ação de Natal na Praça da Sé
- 23.12.86)



A CONDENAÇÃO DOS GENERAIS NA ARGENTINA.

Não há precedentes na América Latina.

No fim de 1986, a Suprema Corte de Justiça da Argentina manteve a pena de prisão perpétua para o general Jorge Videla e para o Almirante Emilio Massera, outrora poderosos integrantes da Junta Militar, responsáveis pela prisão arbitrária, seqüestro, tortura e assassinato de mais de trinta mil argentinos, entre os quais crianças, adolescentes e jovens de menos de 20 anos de idade, sem nenhuma militância política.

Também condenados, embora a penas menores, o General Roberto Viola, o Brigadeiro Orlando Agosti e o Brigadeiro Armando Lambruschini. Todos, também, integrantes de Juntas Militares. Todos também responsáveis diretos pelo genocídio do povo argentino. Que tinham o dever de defender, mas que golpearam fundo, com a tortura, o desaparecimento forçado, o assassinato de milhares e milhares.

Com tal decisão, o Poder Judiciário argentino resgata, um pouco, sua própria dignidade e a dignidade do Poder Judiciário em toda América Latina. Um pouco. Só.

Mas o bastante para firmar-se na consciência de cada um de nós e dos nossos povos que é possível, respeitando as leis democráticas, punir o criminoso, ainda que seja o mais poderoso de todos os criminosos. E a punição, aqui e sempre, é para que nunca mais aconteçam crimes como os cometidos pelos militares na Argentina. E também no Uruguai. E no Brasil. E ainda no Peru, no Paraguai, no Chile.

A luz que vem desta histórica sentença judicial não é bastante ainda para romper com as trevas que pesam sobre a América Latina. Na Argentina mesmo, a Lei do "Ponto Final", uma ampla anistia

para os militares, mostra como é dura a luta dos que buscam Justiça, Pão, Paz e Liberdade nestes cantos do mundo. Do mesmo modo, a anistia no Uruguai, votada por um Parlamento "sitado" pela rebeldia dos militares em se submeter aos Tribunais do País, pelos crimes que praticaram nos anos da Ditadura. Aqui mesmo, não veio a anistia para os tais crimes conexos, eufemismo para a tortura, o desaparecimento forçado, a morte de opositores políticos aprisionados? São trevas que revelam que a longa noite escura ainda não findou.

Veja-se o caso do seqüestro do Presidente da República do Equador, sr. Febres Cordero, cometido por militares da ativa, quando o Presidente participava de cerimônia militar num quartel da Aeronáutica.

Veja-se o caso da substituição forçada do Presidente da República do Panamá pelo Vice-Presidente, para atender exigências das forças armadas.

Veja-se a situação de lutas internacionais em que a política agressiva e violenta de Reagan transformou países como Honduras, El Salvador, Guatemala e Costa Rica.

E, sobre tudo isso, veja-se o silêncio de quem nunca podia ter se calado diante de tantos crimes, e se calou, covardemente, como foi o caso da Igreja argentina.

A luz da sentença judicial da Suprema Corte Argentina não é forte, pois, o bastante para espantar as trevas e fazer nascer a esperança. Os tempos em que vivemos ainda são duros tempos.

IVARNIO FORTES DE BARROS - é membro da Coordenação Latino-Americana de Advogados Trabalhistas.)

Iº ENCONTRO DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA EM PONTA-PORA

Realizou-se nos dias 30 de janeiro e 01 de fevereiro de 87, no APAE de Ponta Porã - MS, o IV Encontro de Integração Latino-Americana.

O encontro tinha como tema principal: EDUCAR PARA PAZ E INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA.

Pode ser considerado um sucesso pela orientação do Prof. Roberto Ribeiro de Andrade, psicólogo, e sua equipe de professores que prepararam e orientaram o encontro, e um avanço no nosso desejo de atravessar as fronteiras que separam brasileiros e paraguaios, entre outros.

Participaram cinco paraguaios de Assunção e três da fronteira de Ponta Porã, um uruguaio e a Coordenadora do SERPAJ-Bolívia; houve ainda valiosa contribuição do jornalista Juvêncio Mazarollo, do Comitê Latino-Americano de Solidariedade, que nos desenvolveu a história das fronteiras.

Contamos com a presença de várias entidades como a ASSOCIAÇÃO DE ASSISTENTES SOCIAIS de Campo Grande, o GRUPO TEZ (Trabalho e Educação Social), COORDENAÇÃO DO MENOR CARENTE P.P., MOVIMENTO OBRERO CAMPESINO, COORDINACIÓN NACIONAL DE TRABAJADORES (CNT) de Assunção, DEFENSA Y PROMOCIÓN DE LOS DERECHOS HUMANOS de Assunção, CPT-Dourados e os vários grupos do SERPAJ-BRASIL.

O Encontro foi uma tentativa de atravessar nossas fronteiras de lá e de cá, dar-nos as mãos na luta contra o inimigo comum e encontrar-nos como irmãos que somos há séculos.

A não-violência é o artigo número um da minha fé.
(GANDHI)



JOVENS LUTERANOS DISCUTEM A NÃO-VIOLÊNCIA

Os jovens luteranos da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) como tem acontecido nos últimos 8 anos, estiveram reunidos de 01 a 08 de fevereiro para discutir e refletir sua fé, seu testemunho e seu compromisso no "Acampamento Repartir Juntos".

Como nos acampamentos anteriores, cerca de 500 jovens discutiram em plenário o tema central proposto pela comissão organizadora, que neste ano foi "CREIO NA RES-SURREIÇÃO DO CORPO" e, em grupos, temas livres à escolha de cada um.

Nestes 8 anos de ARI, a não-violência tem estado presente em forma de grupo de interesse, e os resultados tem sido animadores, pois muitos jovens encontram nestes momentos o seu primeiro contato com a nossa proposta e muitas vezes assumem e acabam se engajando na luta. O núcleo do sul pode testemunhar tal experiência.

Este ano o grupo de interesse "Justiça e Não-Violência" foi pequeno, 12 pessoas, porém temos motivos para esperar bons resultados.

No grupo tinha jovens de Horizontina, Portão, Pelotas, Ijuí (RS) e até de Santo André (SP); a discussão foi muito interessante, o pessoal de Pelotas já havia participado deste grupo em

outros acampamentos e ajudou muito no debate. Como sempre acontece nestes grupos, o primeiro momento é de apresentação da proposta e análise da realidade; depois o tempo esquentou, pois o encaminhamento das questões e as possíveis alternativas de solução propostas acabam elevando muito a participação.

Em dado momento da discussão o Egon da paróquia Linha 3 de Ijuí desabafou: "Eu não entendo porque na nossa Igreja se fala de Não-Violência e nem sequer se divulga o núcleo de São Leopoldo; eu mesmo estou sabendo que ele existe só agora!" Então mandamos chamar o Eliezer, estudante de teologia e membro do grupo, o referido núcleo que foi ali mesmo desafiado, e como bem não-violento assu-

miu o compromisso de, enquanto grupo, ajudar na organização dos colonos de Ijuí para lutar na defesa de seus direitos. O Egon tem 23 anos, é casado e é colono.

O pessoal de Pelotas também, na avaliação final, disse considerar-se agora encorajado a assumir algum trabalho concreto, ficaram de entrar em contato com o núcleo já existente em Pelotas e levar a eles suas propostas de luta. Os membros das outras localidades insistiram em receber material e querem estar mais próximos da Não-Violência, querem discutir com seus grupos paroquiais. Quem sabe no próximo ARI já trarão algo de mais concreto?

Todo ano o grupo de interesse "Justiça e Não-Violência" propõe a todo o acampamento uma ação concreta. No ano passado foi feita na cidade de Santa Cruz (RS) uma passeata de apoio aos laticultores em greve; este ano foi proposta uma carta de solidariedade ao Pastor Werner Fuchs, que está sendo processado com base na Lei de Segurança Nacional por ter denunciado o Exército como grileiro.

A IECLB tem dado muito espaço à Não-Violência; muitas de suas pastores passaram pelo núcleo de São Leopoldo quando seminaristas. Cabe aos regionais dar atenção e incentivar, que certamente a semente já lançada brotará.

(Rosalvo Salguero)



NATAL EM OSASCO

Ação de Natal do Menor de Rua realizada na cidade de Osasco nos dias 19 e 20 de dezembro de 1986.

O Serviço de Justiça e Não-Violência de Osasco e a comunidade de Munhoz, na sua maioria membros da Renovação Carismática, fez um trabalho junto com a Pastoral do Menor em várias reuniões para prepararmos a Ação de Natal.

No dia 19, apesar da chuva e da greve dos motoristas de ônibus, pela manhã cedinho já estávamos na Praça Antonio Menk para dar início à Ação de Natal dos Menores de Rua. Arma-
mos as barracas e instalamos o som.

Um advogado do prédio em frente chegou enfurecido, desatando a todos, dizendo que estávamos perturbando a ordem, chamando a todos de vagabundos e mais.

Logo em seguida chegou a polícia, pedindo o ofício de autorização; conversamos com eles e tudo ficou resolvido.

Às 18h00 aconteceu a liturgia assumida pela comunidade de Munhoz; passamos o resto da noite nas barracas junto com os meninos de rua.

No dia 20 a liturgia das 12h00 foi assumida pelo Serviço de Justiça e Não-Violência de Osasco, com a reflexão do P. Domingos Barbé dentro da mística da Não-Violência e a ótica do menor carente.

Às 17h00 fizemos uma caminhada pelas principais ruas de Osasco, com a presença da Igreja Presbiteriana, junto com os menores de rua, tocando os instrumentos fornecidos por uma escola de samba, a pedido deles; com faixas e cartazes, numa tentativa de denunciar as injustiças e sensibilizar a população pela causa do menor abandonado.

De volta à praça, deu-se início à liturgia de encerramento, celebrada pelo diácono Mário e Osvaldo, representando o Pastor Eder e o grupo de jovens, ambos da Igreja Presbiteriana.

Houve uma participação muito grande dos meninos de rua

São Paulo, 13/02/87

Companheiros de luta! Através desta relatarmos a situação de Pedregal, a qual nos foi informada pela companheira Ivone, onde o núcleo de Justiça e Não-Violência de Pedregal, integrado ao conselho comunitário daquela local, vem solicitar dos demais núcleos e companheiros militantes da Não-Violência que fortaleçam a luta por canalização de água potável no Bairro, enviando telegramas ou cartas às autoridades competentes, no sentido de pressioná-los para que suas crianças tenham mais tempo de vida.

Informamos que o bairro é formado por mais ou menos 50 mil habitantes, todos vindos do Nordeste para auxiliar na construção de Brasília. Geograficamente se situa a uns 40 km de Brasília e, distante da sua sede administrativa Luziânia também uns 40 km. É considerado um bairro órfão de dois pais. Não recebe os benefícios nem de Brasília, nem de Luziânia.

Pedregal tem hoje 18 anos de existência, com capacidade de se tornar independente do Município em termos de número de habitantes. Não recebem durante este período nenhuma benfeitoria do município. Falta-lhes tudo: escola, posto de saúde, telefone, asfalto, segurança, esgoto, etc..., o pior de tudo, falta-lhes água. A população bebe água comprada, ou vinda das bicas da chuva (quando chove), ou de um córrego que divide o bairro de outros bairros, onde toda a população lava sua roupa ou toma o seu banho. Nas últimas eleições para prefeito, 4 anos atrás, a população recebeu umas torneiras públicas onde corre água duas vezes por semana. E quando a água corre nessas torneiras é motivo de desavença, agressão e até mortes por espancamentos devido o número de latas e baldes que se concentram na fila para pegar água nestas poucas torneiras e, quando menos se espera, também nes-

tas a água para de correr, deixando centenas de baldes vazios, levando o povo ao desespero. As lideranças são muito divididas e, quando desponta na luta, geralmente se sentem só e logo são cooptadas pelo poder público, que parece querer manter o povo nesta situação para garantir sua posição no poder.

Cansados de ver a situação do seu povo, algumas pessoas que tiveram contato com o Serviço Nacional de Justiça e Não-Violência decidiram-se a organizar e desencadear o processo de luta pela conquista da água de forma não-violenta, e como primeiro passo estamos comunicando a vocês que desta vez o processo será irreversível. Só parará a luta quando a água estiver correndo em suas casas. Informamos que a solidariedade de vocês, enviando telegramas ou cartas aos poderes do município e do Estado são de extrema importância, pelo fato de os mesmos sempre terem conseguido manter Pedregal isolado dos demais problemas e, de certa forma, não deixando que o drama se tornasse conhecido de forma mais ampla como estamos fazendo agora.

Companheiros, contamos com esta pequena parcela de vocês, se for possível, enviem cópia do que for remetido aos endereços abaixo, enviam também sugestões e noções de apoio ao povo de Pedregal. De nossa parte procuraremos mantê-los informados do que possa ocorrer.

A todos desejamos muita força na luta e o nosso abraço.

Marinete

(As cartas devem ser enviadas para:)

- Sr. Pref. Municipal
Orlando Romão
Prefeitura Municipal
72220 - Luziânia - GO
- Sr. Governador
Henrique Santillo
Palácio das Esmeraldas
Centro Administrativo S/N
74206 - Goiânia - GO
- Grupo Justiça e Não-Violência
a/c de Mafre Borges
Quadr. 526 - Lt. 37
72228 - Pedregal - GO

=====
AQUI HÁVERÁ SEMPRE
UM ESPAÇO PRA VOCÊ!
=====

ACEITAR O DESAFIO

O movimento JUSTIÇA E NÃO VIOLÊNCIA, como tal, na América Latina vem sendo organizado desde 1975 e, no Brasil, desde 1978 com a criação do então SECRETARIA DO NACIONAL JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA, hoje SERVIÇO NACIONAL DE JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA.

Nestes anos de serviço a organização tem enfrentado muitos desafios e, na maioria das vezes, respondeu bem a cada desafio que se lhe apresentava, na minha opinião.

Ultimamente, porém, como acontece com quase todas as organizações que nasceram sob as ditaduras latino-americanas para defender os Direitos Humanos e proclamar a dignidade humana, ela está um tanto perdida.

O novo discurso das classes dominantes, e as novas práticas políticas, e por que não dizer, as novas práticas repressivas estão mais sofisticadas e agora, como no dito popular "todos os gatos estão pardos", já não vemos mais os gatos pretos e brancos, misturaram-se tanto que todos estão cinzentos.

Temos consciência de que as coisas mudaram, mas não sabemos bem como mudar.

De repente, o presidente do PDS, José Sarney, começa a falar uma linguagem muito próxima da nossa, passa para a oposição, torna-se o presidente do país; ao mesmo tempo, Jânio Quadros, com um discurso violento e prometendo abertamente violar os Direitos Humanos, se elege pelo voto direto prefeito da maior cidade do país; a Nova República lan-

ça o Plano Cruzado, consegue um fantástico apoio popular, ganhando de maneira esmagadora as eleições para os governos dos Estados e para a Assembleia Constituinte.

Como disse certa vez o frei Alamiro, nós passamos "da repressão do tapa na cara para a do tapinha nas costas". Muito mais inteligente a segunda; não?

Este comportamento das classes dominantes e principalmente a resposta popular que têm conseguido, nos deixa atônitos e, por causa disso, frequentemente temos dado respostas ingênuas aos grandes desafios que nos enfrentam.

Nas avaliações de nossas ações, temos sido muito generosos conosco mesmo, temos estado o tempo todo a alcançar pequenas vitórias e a justificar nossos insucessos.

Esta falta de perspectiva leva a conflitos internos, pois ninguém tem segurança para propor atividades, e a compreensão dos acontecimentos fica sempre na base da intuição "eu acho isto, eu acho aquilo"; muito dificilmente alguém apresenta dados objetivos, e todos são cobrados em clima de tensão.

Os últimos acontecimentos internos do movimento a nível latino-americano e nacional, com a eleição de Cruzza Maciel e Jesus, respectivamente, para coordenar as atividades, representam uma nova esperança.

Hoje não temos mais refugiados para encaminhar, nem presos políticos para defender, e não podemos reduzir nossa prática a uma condenação moral das violências e injustiças, como também não podemos estar apenas a produzir uma bela reflexão teológica da NÃO-VIOLÊNCIA.

A mim me parece fundamental que, ao mesmo tempo em que tomamos parte nos vários movimentos, pensemos de forma sistematizada as alternativas da Não-Violência e até a sua eficácia, e passemos a atuar com coragem nessa direção.

Não podemos ter medo de enfrentar as questões que nos são colocadas pela realidade da luta de classes. Penso que hoje, para sermos levados a sério e termos alguma chance, devemos propor, clara e abertamente, nossa disposição de "carunchar" o Exército e construir o poder paralelo para estabelecer uma nova sociedade que também precisa ser por nós melhor explicitada.

Tenho consciência de que esta minha posição é polêmica, e que nos traz sérias consequências, mas estou aberto ao debate e disposto a assumi-las.

Rosalvo Salguero

TRAÍ
NOVO
JUSTIÇA
NÃO VIOLÊNCIA

DESTAQUE

LUTHER KING E OS NEGROS NORTE-AMERICANOS HOJE

Os ideais pelos quais tanto lutou e morreu Luther King necessitam urgentemente encontrar espaço nas reivindicações de todas as pessoas que possuam ainda um resto de dignidade e respeito pela humanidade.

Nos Estados Unidos, onde a campanha não-violenta de Luther King se iniciou, os negros continuam sendo marginalizados. São conhecidos os seus guetos onde os negros, entregues à droga, à prostituição, à miséria humana, enfim, são obrigados a viver, porque nessa país, onde foi redigida a Carta dos Direitos do Homem, o negro não tem vez.

Assim como no Brasil, e em outras sociedades racistas, o negro americano é massacrado pela política econômica, que o impede de disputar um lugar no mercado de trabalho. A maioria está desempregada ou trabalha em sub-empregos.

Num artigo recente da "Folha de São Paulo", o jornalista Paulo Francis comenta que "depois do pastor protestante Martin Luther King, nenhum outro líder apareceu que conquistasse a maioria dos negros. Era uma personalidade carismática que falava uma linguagem acessível a todas as pessoas de boa vontade, independente da cor. Não teve sucessores".

No entanto, não era o carisma inegável de Luther King, mas a sua profunda fé nos métodos da não-violência ativa, que motivaram milhões de brancos e negros a se unirem contra a discriminação racial.

Na década de 60, Martin Luther King e outros líderes negros lideraram movimentos que questionavam leis e comportamentos racistas, que ofendiam os direitos dos negros norte-americanos. "A organização da resistência não-violenta voltava-se particularmente para a realização de grandes passeatas pela igualdade entre os homens. Nestes movimentos de desobediência civil, conforme afirmava Mar-

tin Luther King, existiam quatro princípios básicos a serem sempre seguidos:

- a reunião de acontecimentos capazes de definir a existência de injustiças;
- a negociação;
- a autocrítica;
- a ação direta."

(Evaldo Vieira, "O que é desobediência civil")

Por ação direta, Luther King entendia a desobediência não violenta, muito bem pensada e analisada, visando assim acabar com as injustiças cometidas contra os negros.

E foi através de atos de resistência não-violenta que muitos direitos foram conquistados.

No entanto, fica a pergunta: os ideais de Luther King morreram? Nota-se uma certa apatia com relação ao combate do racismo. No nosso cotidiano vemos os negros ausentes dos cargos de decisões políticas e econômicas do nosso país, ausentes das universidades, e cada vez mais presentes nas favelas, nos sub-empregos, etc...

A democracia racial, pela qual Martin Luther King tanto lutou, é ainda um sonho, pois democracia significa

IGUALDADE SOCIAL
ECONÔMICA
E POLÍTICA.

